

Mário Eduardo Viaro

Universidade de São Paulo, Brasil
maeviaro@usp.br

 <https://orcid.org/0000-0001-5714-1611>

RETRODATAÇÃO: SEU PAPEL CRUCIAL NA CONFEÇÃO DE UM DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Backdating: its crucial role in making an etymological dictionary of the Portuguese language

ABSTRACT

Among the problems existing in entries in etymological dictionaries, one of the most serious is the absence or imprecision of a *terminus a quo*, that is, the oldest dating of the lexical item in the available documentation. Diachronic explanations often present large gaps, due to the lack of descriptions of the lexicon and its neological results in past synchronies. Furthermore, the distinction between graphic variation and lexical variation is not always clear in etymological dictionaries of the Portuguese language, which compromises not only the knowledge about the existence of a specific lexical item in a past synchrony, but also – even more seriously – the entire diachronic explanation that involves these data and the resulting theoretical conclusions. To describe part of this picture, backdating exercises are carried out on lexical items derived with the suffix *-eiro*, with a specific semantic field (“profession”), contrasting information from the *Dicionário Houaiss* and works by Jerônimo Cardoso (ca. 1508–1569).

KEYWORDS: historical linguistics, morphology, etymology, philology, semantics

1. FILOLOGIA *VERSUS* ETIMOLOGIA

A Etimologia é uma área normalmente considerada auxiliar tanto da Linguística Histórica quanto da Filologia. No entanto, num trabalho estritamente etimológico, é preciso pontuar bem quais são as diferenças entre essas áreas. A Etimologia trabalha não só com fenômenos diacrônicos, mas também com sincronias pretéritas: o estudo sincrônico da Etimologia se fia nas raras reconstruções de sistemas em sincronias pretéritas, que deve ser um objetivo da Linguística Histórica. Igualmente se fia em edições diplomáticas donde obtém seus dados. Além disso, a Etimologia tem preocupações semelhantes à Lexicografia, uma vez que persegue a confecção de dicionários etimológicos nos quais estão seus dados e suas propostas etimológicas.

A fim de tratar de um dos pontos mais importantes da Etimologia, a saber, a retrodatação do *terminus a quo*, estudou-se um pequeno *corpus* extraído das obras de Jerônimo Cardoso (c. 1508–1569) limitado morfológica e semanticamente, a saber, itens lexicais

com o sufixo *-eiro* com o hiperônimo ‘profissão’. Como esses itens apresentam variação gráfica bastante significativa, distinguem-se aqui dados de verbetes. Para os verbetes, atualizou-se a oscilação gráfica <u> ~ <v> e também <i> e <j>: *alcoveteiro* (e não *alcoueteiro*), *jornaleiro* (e não *iornaleiro*), o uso de <c> e <ç>: *cacereiro* (e não *caçereiro*), de <j> e <g>: *messageiro* (e não *mensajeiro*), assim como o emprego do til: *tamborileiro* (e não *tãborileiro*) ou de letras dobradas: *vendeiro* (e não *vêddeiro*), além do uso do <y> em ditongos, mais comuns na edição de 1570: *guerreiro* (e não *guerreyro*).

Muito mais importante para a Etimologia, porém, é o problema da determinação do *terminus a quo*, objeto do estudo deste artigo. A atualização ortográfica não pode significar perda substantiva de informação linguística. Por isso, foram mantidas as grafias quando não se enquadrarem nos casos acima mencionados: *agoadeiro*, *corrieiro*, *çapateiro*, *fanquero*, *mercieiro*, *frecheiro*. Para a Etimologia, a decisão de não atualizar ortograficamente esses casos está alicerçada nas suas próprias bases teóricas, uma vez que itens lexicais como *corrieiro* e *correeiro*, por exemplo, se interpretam como dois dados distintos para a Etimologia, com soluções fonéticas diacronicamente diferentes e, ainda que tenham o mesmo conjunto de significados, são dois verbetes. Ancorado no estilo das obras estudadas, buscou-se evitar que intervissem nessa divisão algumas convicções utilizadas em modernizações e em padronizações de edições críticas, como imaginar que <ç> e <s> em *çapateiro* não façam muita diferença na 2.^a metade do século XVI ou, então, que o uso de <o> e <u> em *agoadeiro* é indiferente, por representarem a mesma semivogal. Tais convicções se alicerçam primariamente no estudo etimológico e não em afirmações subjetivas da Filologia ou da Linguística Diacrônica.

2. SINCRONIAS PRETÉRITAS

A informação importante para a datação etimológica em Houaiss, Villar (2001, doravante DH), repetida na versão *online*, se distribui em dois campos:

1. um, chamado “datação” na *Chave do dicionário* (p. XVI e seguintes e discutida posteriormente nas p. XXI–XXIII), logo após a entrada, que muitas vezes é seguida da indicação “cf.” e uma bibliografia abreviada das fontes de datação;
2. outro, chamado “campo da etimologia”, no qual se apresenta o étimo ou a origem do vocábulo e, entre outras informações, as chamadas “formas históricas” (4.2), assim definidas: “Como informações complementares referentes à datação, registram-se, no final do campo etimologia, após ponto-e-vírgula ‘f. hist.’, em redondo, as formas históricas com grafias diferentes da atual. Esse registro compreende a data, em redondo, e a forma gráfica, em itálico”.

A datação separada de uma acepção específica do verbo é bastante rara e invariavelmente não há qualquer menção à fonte da datação. Confrontando os dados do DH e sua versão mais recente, *online*, com dados extraídos das obras de Cardoso, é possível obter uma lista que pode ser diferenciada cronologicamente do seguinte modo:

- a) palavras antigas cuja formação ocorreu em *sincronias anteriores* à sincronia em estudo, pois são ou herdadas do latim vulgar ou fruto de criações anteriores à 2.^a metade do século XVI;
- b) palavras consideradas pelo seu *terminus a quo* como criações contemporâneas à escrita de Cardoso.

Se tomarmos como objeto de estudo o grupo (a), há de fazer nova distinção. Consideraremos *palavras muito antigas* aquelas cujo *terminus a quo*, indicado na informação etimológica principal de DH, for anterior à criação de Portugal:

- século IX: *carboeiro* ~ *carvoeiro* (no verbete *carvoeiro*: 897 *caruonario*, 1270 *carboeiro*, XIII *caruoeyro*);
- século X: *barqueiro* (f. hist. 990 *barcario*, 1391 *barceiro*, 1393 *barqueiro*), *oleiro* (960 *ollarios*, 1365 *oleiiros*, XIV *oleiro*);
- século XI: *besteiro* ~ *bésteiro* (1099 *balisteiro*, 1124 *baesteiro*, XIII *besteiro*), *carreiro* (1058 *carrario*, 1112 *carreiro*), *vaqueiro* (1059 *uaqueiros*, XIII *vaqueyro*).

Os demais itens lexicais do grupo (a), isto é, palavras cujo *terminus a quo* indicado no DH for entre os séculos XII e XV, serão chamadas de *palavras antigas*, pertencentes às sincronias pretéritas, em relação à obra de Cardoso, a saber:

- século XII: *cabreiro* (1115 *kabreiro*), *çapateiro* (em *sapateiro*: 1124 *zapatarario*, 1154 *zapateiro*, 1391 *capateiros*, 1392 *çapateiros*, a1720 *sapateiro*), *cesteiro* (1162 *cesteiro*, 1255 *sesteiro*), *peliteiro* (em *peleteiro*: 1124 *piliteiros*, c1543 *pelliteiros*, 1813 *peleteiro*);
- século XIII: *armeiro* (XIII *armeyro*), *carniceiro* (1265 *carniçeyro*, 1344 *carneceiro*, 1393 *carnjçeyro*), *caseiro* (1244 s/f), *cavaleiro* (1277 *caualeyro*), *conselheiro* (XIII *conselleyro*, XIV *conselheiro*), *copeiro* (1271 *copeyro*), *corrieiro* (em *correeiro*: 1268 *correyro*, 1314 *correeyro*), *cutileiro* (em *cuteleiro*: XIII s/f), *despenseiro* (XIII *despenseyro*), *enfermeiro* (XIII s/f), *escudeiro* (XIII s/f), *esteireiro* ~ *estereiro* (XIII s/f), *fanquero* (XIII *faenqueiro*, XIII *fayanqueiro*), *guerreiro* (XIII s/f), *jornaleiro* (XIII s/f, XIV *jornaleyro*), *marinheiro* (XIII *marieiro*, XIV *marieiro*, XV *marinheiro*), *messageiro* ~ *mensagemeiro* (f. hist. XIII *mesegeyro*, XIV *messageyros*, XIV *messejeiro*, XIV *messegueyros*, XV *memsajeyros*), *mercieiro* (em *merceiro*: XIII *merce(e)iro*), *moedeiro* (1211 s/f), *monteiro* (XIII *monteyros*), *obreiro* (XIII s/f, XIV *obreyro*), *ovelheiro* (XIII *ovelleiro*), *padeiro* (XIII *paadeiro*, XIV *padeiro*), *pedreiro* (XIII s/f, 1365 *pedreiro*, XV *pedreiro*), *pegureiro* (XIII *pegureiro*, XIII *pigureiro*), *porteiro* (1209 *porteyros*), *pregoeiro* (XIII *pregueyro*, 1391 *pregoeiro*, 1395 *pregoeiro*), *quinteiro* (1229 *quinteiro*, XIII *quintaeiro*), *raçoeiro* (1280 *raçõeiros*, 1365 *raçoeiro*), *regateira* (1229 *regateyris* – data não levada em consideração, 1274 *reguateira*, XV *regateira*, 1554–1583 *regateyra*), *tendeiro* (XIII *tendeyra*, 1390 *tendero*, 1391 *tendeiro*), *tesoureiro* ~ *tisoureiro* (em *tesoureiro*: 1214 s/f, XIV *tessoueyros*, XIV *thesoueyro*, XV *tesorero*);
- século XIV: *agoadeiro* ~ *aguadeiro* (em *aguadeiro*: 1348 s/f), *barbeiro* (XIV *barbeiro*, 1440 *barueyro*), *camareiro* (XIV s/f, XV *camareyro*), *cantadeira* (XIV s/f),

carcereiro ~ *cacereiro* (em *carcereiro*: XIV *carçereiro*, 1495 *caçereyro*), *carpinteiro* (1375 *carpenteiro*, XV *carpinteiro*), *carreteiro* (1331 *carreteyro*), *cozinha* (XIV s/f), *cozinheiro* (1326 *cozineyro*, XV *cozinheiro*), *chaveiro* (1315 s/f), *estalajadeiro* (XIV s/f), *feiticeira* (XIV *feiticeira*), *feiticeiro* (1344 *feyticeyro*, XIV *feytizeyro*), *ferreiro* (XIV *ferreiro*), *fundeiro* (XIV s/f), *lagareiro* (XIV s/f), *moleiro* (1365 *molleiro*, XV *molleyro*), *onzeneiro* (XIV *onzeneyro*, XV *onzaneiro*), *padeira* (1300 *paateiras*, c1555 *padeira*), *parteira* (XIV s/f), *portageiro* (XIV s/f), *quadrilheiro* (1397 s/f), *recoveiro* (1361 *rrjcouejros*, 1393 *rrecoueiros*, XV *rrecoveiros*), *reposteiro* (1320 *reposteyro*, XV *reposteiro*), *remeiro* (1367 *remeyros*), *sardinheira* (a1377 s/f, 1405 *ssardjinhejra*), *seleiro* (1393 s/f, XV *sselheiros*), *sineiro* (1364 *siineiro*, 1561 *sineiro*), *tanoeiro* (1391 s/f, 1446 *tonoeiro*), *tecedeira* (XIV s/f), *tripeiro* (1391 s/f);

- século XV: *bombardeiro* (1443 *bonbardeiro*, 1449 *bombardeiro*, 1594 *bombardeyro*), *bainheiro* (1450–1516 *baynheyros*), *barregueiro* (1440 s/f), *bolseiro* (XV *borseiro*, 1532 *bolsejro*, 1532 *bolseiro*), *calaceiro* (1499 *calaçeiro*), *caldeireiro* (1441 s/f), *confeiteiro* (1562, acepção 2, sem datação, para o item lexical: 1421–1431 s/f), *copeira* (XV s/f), *cordoeiro* (XV s/f), *couteiro* (1439 s/f), *espingardeiro* (XV *spingardeyro*, 1512 *espimgardeiro*), *estribeiro* (XV *estrabeiro*, 1522 *estribeiro*), *livreiro* (1450–1516 *liureyro*), *odreiro* (1450–1516 *odreyro*), *sirgueiro* (1450–1516 *ssyr-gueyro*, 1712 *sirigueiro*), *taberneiro* (1538 *taberneiras*) ~ *taverneiro* (XV *tauerneiros*), *telheiro* (XV *telheyro*), *tintoreiro* ~ *tintureiro* (em *tintureiro*: XV *tintoreyros*), *torneiro* (1426 s/f), *serralheiro* ~ *cerralheiro* (XV *serralleyro*, 1561 *sarralheiro*, 1652 *serralheiro*), *tapeceiro* (XV *tapeçeiro*).

Pertencem ao grupo (b), ou seja, à sincronia quinhentista em questão, os seguintes itens lexicais:

- século XVI: *albardeiro* (1518 s/f), *alfeloeiro* (a1560 s/f), *amassadeira* (1579 s/f), *arcabuzeiro* (1537 s/f, 1554 *archibuçeiro*), *artelheiro* (em *artilheiro*, a1536 *artelheiro*), *atabaleiro* (1513 *atabaleiros*), *atafoneiro* (c1543 *atafonyro*), *ataqueiro* (1500 s/f, 1570 *ataqueyro*, 1813 *ataquêiro*), *banqueiro* (1512 s/f), *barreteiro* (a1560 s/f), *benzedeira* (em *benzedeiro*: c1543 *benzedeyra*), *biscouteiro* (a1560 s/f), *botoeira* (c1543 *botoeyra*), *botoeiro* (a1560 s/f), *caixeiro* (a1560 s/f, 1652 *cayxeiro*), *calceteiro* (a1560 s/f), *canastreiro* (a1560, 1560 *canestreiro*, 1562 *canastreiro*), *cirieiro* (1500 s/f, 1543 *çyrieiro*, 1562 *cerieiro*), *colchoeiro* (a1560 s/f), *coveiro* (a1560 s/f), *enzoleiro* (em *anzoleiro*: 1560 *anzoleiro*, 1562 *enzoleiro*), *esparteiro* (1560 *esparteiro*), *forneiro* (1512 s/f), *frecheiro* (1540 s/f), *gaiteiro* (1500, cf. datação presente na acepção 3, sem referência à obra, mas o *terminus a quo* do item lexical é 1374, XIV *gayteyro*), *jubiteiro* (em *jubeteiro*: XVI s/f), *mostardeiro* (1538 *mostardeiras*), *noveleiro* (1552 *novelleiro*), *pasteleiro* (1572 s/f), *peneireiro* (c1560 s/f), *pomareiro* ~ *pumareiro* (1554 *pomareiras*), *porqueiro* (1562–1575 s/f), *tamborileiro* (1529 s/f), *toureiro* (XVI s/f), *vendeiro* (XVI s/f), *vinheiro* (c1560 s/f).

Nos dados acima, “s/f” significa que a obra não indicou uma fonte. Além desses, o próprio DH determina obras de Cardoso como *terminus a quo*, são elas:

- 1562: *abotoadeira*, *alabardeiro*, *alcoveteiro* (em *alcoviteiro*), *arrabileiro*, *arrocheiro*, *cabouqueiro* (em *cavouqueiro*), *cabresteiro*, *casamenteiro*, *cinteiro*, *chapineiro*, *colmieiro* (em *colmeeiro*, 1712 *colmeeyro*), *joeireiro*, *latoeiro*, *lavandeira*, *vindimadeira* (em *vindimadeiro*);
- 1569 (na verdade, 1570): *leiteira*, *leiteiro*, *vendimadeira*, *violeiro*.

Observe-se que há evidente retrodatação de *terminus a quo* em dois verbetes: *amassaadeira* e *pasteleiro*. Verbetes inexistentes no DH não configuram retrodatação, mas sim uma primeira datação do item lexical. É o caso de *enfeitadeira*, *barredeira* (no DH, *varredeira*, XVII), *bufaninheiro* (o item *bufarinheiro*, XVI, contudo, existe com a1560 *bofarinheiro*, XVI *bofalinheiro*) e *vendeira* (embora o item *vendeiro* exista, como visto). Outras formas indicadas no DH como “a1560 CROI” são vagas. Uma datação mais precisa pode ser atribuída a: *alfeoloeiro*, *barreteiro*, *biscouteiro*, *caixeiro*, *calceteiro*, *canastreiro*, *colchoeiro*, *coveiro*, *vinheiro*, todas encontradas na edição de 1562–1563. O item *botoeiro* só se encontra em Cardoso na obra de 1570 e, a rigor, não retrodataria. A forma *esparteiro* é indicada como “1560 CROI”. O mesmo com a informação “c1560 cf. JFVascUlis” para *peneireiro*. Outro caso limítrofe é o de *porqueiro*, a saber, “1562–1575 cf. PaivSerm”.

Retrodatam ainda verbetes cujo *terminus a quo* apontado no DH é posterior às obras de Cardoso. São os seguintes: *carapuceiro* (1673 s/f), *conserveiro* (1652 s/f), *costureira* (1673 s/f), *lenheiro* (1673 s/f), *linheiro* (1716 s/f), *luveiro* (1620 s/f), *manteiro* (1673 s/f), *marisqueiro* (1620 s/f), *peiteiro* (1604 s/f), *picheleiro* (1620 s/f), *poceiro* (1720 s/f, na verdade data provavelmente de uma acepção distinta da utilizada por Cardoso, ‘grande cesto de vime’), *saboeiro* (1673 s/f), *sardinheiro* (1720 s/f), *sombreireiro* (1665 s/f), *trombeteiro* (1601 s/f), *vidreiro* (1673 s/f), *vinhateiro* (1673 s/f), todos retrodatáveis em cerca de um século, alguns mais, para a data da primeira obra de Cardoso (1562). Retrodatável para 1570 seria a acepção associada a profissão do item *fronteiro* (com *terminus a quo* do item lexical no século XIII s/f), uma vez que o significado militar é tido como de 1619 no DH. O item *venteneiro* gera também confusões: na etimologia principal, informa-se que a primeira ocorrência seria em 1789, de modo que a ocorrência em Cardoso em 1570 poderia ser entendida como retrodatação, não fosse a informação nas “formas históricas” da existência em 1361 da forma *vjnteneiros*.

3. RETRODATAÇÃO E REARRANJO DA INFORMAÇÃO ETIMOLÓGICA DO *TERMINUS A QUO*

Uma análise dos dados nos possibilita uma revisão e uma reorganização, que pode gerar premissas argumentativas muito diferentes no que se refere a hipóteses etimológicas. Desse modo, teríamos a seguinte reconfiguração, mais crítica:

- século XI: *vaqueiro* (1059*);
- século XII: *cabreiro* (1115), ↓*carreiro* (1112), *cesteiro* (1162);
- século XIII: *arameiro* (XIII), ↓*besteiro* (XIII), *carniceiro* (1265), ²*caseiro* (1244), *cavaleiro* (1277), ↓*carboeiro* (1270) ~ ↓*carvoeiro* (XIII), *conselheiro* (XIII), *copeiro* (1271), *despenseiro* (XIII), ²*enfermeiro* (XIII), ²*escudeiro* (XIII), ²*esteireiro* (XIII), ²*guerreiro* (XIII), ²*jornaleiro* (XIII), ²*moedeiro* (1211), *monteiro* (XIII*), ²*obreiro* (XIII), *ovelheiro* (XIII), ²*pedreiro* (XIII), *pegureiro* (XIII), *porteiro* (1209*), *quinteiro* (1229), *regateira* (1274), ²*tesoureiro* (1214);
- século XIV: ²*aguadeiro* (1348), *barbeiro* (XIV), ↓*barqueiro* (1393), ²*camareiro* (XIV s/f, XV *camareyro*), ²*cantadeira* (XIV), ↓*çapateiro* (1392*), *carcereiro* (XIV), *carreteiro* (1331), ²*cozinheira* (XIV), ²*chaveiro* (1315), ²*estalajadeiro* (XIV), *feiticeira* (XIV), *feiticeiro* (1344), *ferreiro* (XIV), ²*fundeiro* (XIV), ²*lagareiro* (XIV), ↓*messageiro** (XIV), *moleiro* (1365), ↓*oleiro* (1365), *onzeneiro* (XIV), ↓*padeiro* (XIV), ²*parteira* (XIV), ↓*pregoeiro* (1391), ²*portageiro* (XIV), ²*quadrilheiro* (1397), ↓*raçoeiro* (1365), *recoveiro* (1393*), *reposteiro* (1320), *remeiro* (1367*), ²*sardinheira* (a1377), ²*seleiro* (1393), *sineiro* (1364), ²*tanoeiro* (1391), ²*tecedeira* (XIV), ↓*tendeiro* (1391), ²*tripeiro* (1391), ²*vinteneiro* (1361*);
- século XV: *bombardeiro* (1443), ²*barregueiro* (1440), ↓*cacereiro* (1495), ↓*carpinteiro* (XV), *calaceiro* (1499), ²*caldeireiro* (1441), ²*copeira* (XV), ²*cordoeiro* (XV), ²*couteiro* (1439), ↓*cozinheiro* (XV), *espingardeiro* (XV), ↓*marinheiro* (XV), ↓*mensagemeiro* (XV), *taverneiro* (XV*), *telheiro* (XV), *tintoreiro* (XV*), ²*torneiro* (1426), *serralheiro* (XV), *tapeceiro* (XV);
- século XVI: *abotoadeira* (1562), *agoadeiro* (1562), *alabardeiro* (1562), ²*albardeiro* (1518), *alcoveteiro* (1562), ²*alfeloeiro* (a1560), ↑*amassadeira* (1562), ²*arcabuzeiro* (1537), *arrabileiro* (1562), *arrocheiro* (1562), *artelheiro* (a1536), *atabaleiro* (1513), *atafoneiro* (c1543*), ²*ataqueiro* (1500), ↓*bainheiro* (a1516*), ²*banqueiro* (1512), *barredeira* (1562), ²*barreteiro* (a1560), *benzedeira* (c1543), ²*biscouteiro* (a1560), *bofoninheiro* (1570) ~ *bufaninheiro* (1562), ↓*bolseiro* (1532), *botoeira* (c1543), ²*botoeiro* (a1560), *cabouqueiro* (1562), *cabresteiro* (1562), ²*caixeiro* (a1560), ²*calceteiro* (a1560), *canastreiro* (1562), *carapuço* (1562), *casamenteiro* (1562), *cerralheiro* (1570), *cinteiro* (1562), *chapineiro* (1562), ²*cirheiro* (1500), ²*colchoeiro* (a1560), *colmeiro* (1562), ↓*confeiteiro* (1562, ac.), *conserveiro* (1562), *costureira* (1562), ↓*corrieiro* (1562), ²*coveiro* (a1560), ↓*cutileiro* (1562), *enfeitadeira* (1562), *enzoleiro* (1562), *esparteiro* (1560), *estereiro* (1570), ↓*estribeiro* (1522), ↓*fanqueiro* (1562), ²*forneiro* (1512), ²*frecheiro* (1540), *fronteiro* (1570), ²*gaiteiro* (1500, ac.), *joeireiro* (1562), *jubiteiro* (1562), *latoeiro* (1562), *lavandeira* (1562), *leiteira* (1570), *leiteiro* (1570), *lenheiro* (1562), *linheiro* (1562), ↓*livreiro* (a1516), *luveiro* (1562), *manteiro* (1562), *marisqueiro* (1562), ↓*mercieiro* (1562), *mostardeiro* (1562), *noveleiro* (1552), ↓*odreiro* (a1516), ↓*padeira* (c1555), *peiteiro* (1562), ↑*pasteleiro* (1562), ↓*peliteiro* (c1543*), ²*peneireiro* (c1560), *picheleiro* (1562), *poceiro* (1562), *pomareiro* (1570), ↑*porqueiro* (1562), *pumareiro* (1562), *saboeiro* (1562), *sardinheiro* (1562), ↓*sirgueiro* (a1516), *sombreireiro* (1562), *taberneiro* (1570), ²*tamborileiro* (1529), *tintureiro* (1570), *tisoureiro* (1562), *toureiro* (1562), ↑*trombeteiro* (1562), *vendeira* (1562), *vendeiro* (1562), *vidreiro* (1562), *vendimadeira* (1570), *vindimadeira* (1562), *vinhateiro* (1562), ²*vinheiro* (c1560), *violeiro* (1570).

O asterisco à direita da data significa que a primeira ocorrência aparentemente não se trata da flexão utilizada como lema de um verbete. Nessa reconfiguração, intervalos como “*bainheiro* (1450–1516 *baynheyros*)” foram entendidos como “a1516”, ou seja, anterior à última data do intervalo. Datas vagamente indicadas como “sXVI” no DH (aqui: “XVI”) foram substituídas pelas datas mais precisas das obras de Cardoso, que pertence ao mesmo século. O mesmo se decidiu para ausência de informação do *terminus a quo* ou de uma “forma histórica” equivalente a um dado coletado em Cardoso. O DH aceita o *terminus a quo* 1059 de *vaqueiro* oferecida por Machado, mas, se quisermos uma data posterior, encontra-se nas “formas históricas” a informação “sXIII *vaqueyro*”, que não se encontra em Cunha (2007), mas aparece em Cunha (1994), sem indicação da fonte. Numerosos outros casos não têm fonte, como visto na enumeração anterior (aqui marcados com um ponto de interrogação superscrito à esquerda). Quando foram preferidas datas mais recentes advindas das “formas históricas” por se considerarem mais adequadas, foram antecedidas pelo sinal ↓. No verbete *pomareiro* do DH, consta como “datação” 1554, no entanto, essa é a data da “forma histórica” *pomareiras*. Na edição de 1562 de Cardoso, há *pumareiro* e, na de 1570, há *pomareiro*. Ambas servem de *terminus a quo* para cada uma das variantes, ao passo que a data de 1555 é a mais adequada para *pomareira*. O mesmo ocorre com o verbete *taberneiro*, atestado na edição de 1570 de Cardoso, cuja “forma histórica” no DH, de 1538, é *taberneiras*. Entendemos, contudo, que são verdadeiras “formas históricas” apenas variantes ortográficas e que, quando houver significativa variação fonética, um dicionário etimológico deveria considerar a variação que não reside apenas em questões ortográficas como um outro verbete independente. Considerar, porém, como “formas históricas” tanto variantes ortográficas quanto variantes fonéticas é um problema sério para a determinação do *terminus a quo* de itens lexicais em Etimologia, uma vez que gera uma falsa associação desse mesmo item com uma sincronia em que sabidamente não houve a neologia.

Como resultado dessa metodologia ocorre que a “datação” no verbete nem sempre corresponde à datação de alguma “forma histórica”, por exemplo: *seleiro* tem como “datação” a informação “1393 cf. FichIVPM”, mas nas “formas históricas” aponta-se apenas “sXV *sselheiros*”, que, além de não reproduzir a forma de 1393, ainda permite a reconstrução de um *selheiro** (para o uso do asterisco à direita, cf. Viaro 2022), que não é apenas uma grafia “diferente da atual”, mas uma variante (diatópica, diastrática, diafásica) do item lexical em questão. Algumas vezes, simplesmente não há “formas históricas”, como ocorre em *aguadeiro*.

Comparável à situação de *seleiro*, é possível encontrar várias situações problemáticas nas chamadas “formas históricas”:

(1) palavras “galaico-portuguesas” com grafia latina, normalmente presentes em textos em latim medieval, bastante apreciadas na obra de Machado (1967) em textos anteriores ao século XII, são importantes para os estratos mais antigos, no entanto, essa pesquisa arqueológica não pode se confundir tão facilmente com a busca do *terminus a quo*, pois os métodos etimológicos, nesses casos, devem ser outros: *carvoeiro* (897 *caruonario*), *besteiro* ~ *bésteiro* (1099 *balisteiro*), *barqueiro* (990 *barcario*), *carreiro* (1058 *carrario*), *oleiro* (960 *ollarios*), *regateira* (1229 *regateyris*), *sapateiro* (1124 *zapatario*);

(2) decisões de cunho estritamente filológicas (por exemplo, em casos como 1154 *zapateiro*, 1255 *sesteiros*, 1391 *barceiro*, 1391 *capateiros*, etc.) devem ser claramente

estabelecidas sobre a correlação entre o grafema antigo e a sua interpretação fonética. Nessas decisões entendeu-se que 1115 *kabreiro* é a primeira ocorrência de *cabreiro* (grafema <k> = *[k]), XIII *conselleyro* é a de *conselheiro* (<ll> = *[ʎ]), 1365 *molleiro* é a de *moleiro* (<ll> = *[l] e <ii> = *[j]), XV *spingardeyro* é a de *espingardeiro* (<#sp> = *[esp]), etc. Tudo que não se incluir nessas decisões não deve ser considerado uma variante ortográfica e ser automaticamente reorganizado na sincronia correta:

- século X: *barcário, olário**;
- século XI: *balisteiro, carrário*;
- século XII: ↓*baesteiro, piliteiro**, *zapatário ~ zapateiro*;
- século XIII: *correiro, cuteleiro, faenqueiro, faianqueiro, marheiro, mes[s]egeiro, merceiro, paadeiro, pigureiro, pregueiro, quintaeiro, raçõeiro**, **regateira*, ↓*sesteiro, tendeira*;
- século XIV: ↓*barceiro, carcereiro*, ↓*carneceiro, carpenteiro, cozineiro*, ↓*correeiro, feitizeiro, paateira**, *ricoveiro**, ↓*tendero, tessoureiro**, *viteneiro**;
- século XV: *borseiro, estrabeiro*, ↓*tesorero*, ↓*barveiro*, ↓*onzaneiro*, ↓*selheiro**, ↓*tonoeiro*;
- século XVI: *anzoleiro, arquibuceiro, bofalinheiro, bofarinheiro, canestreiro, cereiro, pomareira**, *sarralheiro, taberneira**;
- século XVII: *varredeira*;
- século XVIII: *colmeeiro*, ↓*sapateiro*, ↓*sirigueiro*;
- século XIX: ↓*peleteiro*.

Há situações bastante complexas. O DH aponta como “datação” de *chaveiro* o *terminus a quo* 1315 sem detalhamentos no “campo da etimologia”, no entanto, a fonte de onde essa informação foi retirada apresenta uma passagem, neste mesmo ano, para o vocábulo *chaveira* (Viterbo 1984: 98). Para o pesquisador que entende *chaveiro* e *chaveira* como dois itens lexicais distintos e não como flexões (e muito menos como variantes ortográficas), essa informação é equivocada.

4. CONCLUSÕES

Neste trabalho, nem a transcrição dos dados nem a acuidade da informação referente à data fornecida pelo DH foram questionadas. Portanto, o rearranjo de dados não levou em conta se foram extraídos de edições diplomáticas e sabemos que um item lexical obtido por meio do desenvolvimento de abreviaturas, por exemplo, pode relativizar um *terminus a quo* (e induzir a erros). Se mudanças semânticas não podem ser abstraídas em Etimologia, oscilações fonéticas do mesmo item lexical tampouco devem ser ignoradas.

Infelizmente, não podemos afirmar que temos nos dicionários da língua portuguesa com informação etimológica hoje disponíveis a informação necessária para um verdadeiro dicionário etimológico, com o rigor de uma pesquisa pautada nas exigências da Linguística Histórica atual. Sem *terminus a quo* não há proposta etimológica, pois não se sabe em que sincronia pretérita houve a neologia e que fatores sincrônicos atuaram

na criação do item lexical. O exercício empreendido neste artigo poderia ser ampliado para outros campos semânticos ou quiçá para todo o vocabulário da língua portuguesa. Isso apenas confirmaria que os conhecimentos diacrônicos da língua portuguesa carecem de um verdadeiro dicionário etimológico, com determinações precisas do *terminus a quo* nos verbetes (e de sua acepções), além dos trechos das primeiras ocorrências em edições diplomáticas. A confecção de tal obra, contudo, ainda parece estar inexplicavelmente longe de ser realizada. Além disso, um cronograma viável para a concretização dessa obra monumental parece ser impossível quando se pensa que um único pesquisador poderia levar tal tarefa a cabo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA Agostinho, 1611, *Dictionarium Lusitanico Latinum*, Braga: Typis & expensis Fructuosi Laurentij de Basto.
- CARDOSO Jerônimo, 1562–1563, *Hieronymi Cardosi Lamacensis dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem*, Lisboa: Ex officina Ioannis Aluari typographi Regij.
- CARDOSO Jerônimo, 1570, *Dictionarium latinolusitanicum & vice versa Lusitanico latinũ, cum adagiorum ferè omnium iuxta seriem alphabeticam perutili expositione*, Coimbra: Ioan. Barrerius.
- CUNHA Antônio Geraldo da, 1994, *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 2.^a edição, 6.^a reimpressão, São Paulo: Nova Fronteira.
- CUNHA Antônio Geraldo da, 2007, *Vocabulário histórico-cronológico do português medieval*, Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, disponível em: <http://medieval.rb.gov.br/index.php> (acesso em: 10.12.2023).
- HOUAISS Antônio, VILLAR Mauro de Salles, 2001, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Objetiva, disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol> (acesso em: 10.12.2023).
- MACHADO José Pedro, 1967, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 2.^a edição, Lisboa: Confluência / Horizonte.
- MAURER JUNIOR, Theodoro Henrique, 1959, *Gramática do latim vulgar*, Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- SIMÕES NETO, Natival Almeida, 2020, *O esquema X-ari- do latim às línguas românicas: um estudo comparativo, cognitivo e construcional*, tese de doutoramento, Salvador: Universidade Federal da Bahia.
- VIARO Mário Eduardo, 2017, *O Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (DELPO) – conceitos de metalema, hemilema, hiperlema e ultralema*, (in:) *De volta ao futuro da língua portuguesa – atas do V SIMELP – Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*, Gian Luigi De Rosa et al. (orgs.), Lecce: Università del Salento, 143–156.
- VIARO Mário Eduardo, 2022, Sobre o problema da existência dos dados linguísticos, *Revista Diálogos* 10 (3): 114–138.
- VITERBO Joaquim de Santa Rosa, 1984, *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*, edição crítica de Mário Fiúza, 2 vols., Porto / Lisboa: Civilização.